

*Em julho passado, comandos israelenses penetram
no coração de Uganda para resgatar 104 reféns.
Esta é a história de uma proeza que já se tornou lendária*

Resgate em Entebbe: vitória sobre o terrorismo

P OUCO depois do meio-dia de domingo, 27 de junho, um *airbus* branco da Air France decolou do aeroporto de Atenas, em meio a uma fraca neblina, e rumou para o ocidente sobre as águas azuis do golfo de Corinto. Oito minutos após (o aviso de apertar os cintos ainda estava aceso), o grito de uma mulher quebrou o silêncio. Na primeira classe, um homem e uma mulher se levantaram bruscamente de suas poltronas, cada um empunhando uma pistola numa das mãos e uma granada na outra. Enquanto a mulher apontava sua arma para os passageiros perplexos, o homem se dirigia à cabina do piloto.

Esse homem, mais tarde identificado como Wilfried Böse, de 27 anos, da Alemanha Ocidental, forçou a entrada na cabina e pegou no interfone de bordo. «Meu nome é Basil Al Qubasi», anunciou em inglês com carregado sotaque alemão, «da Frente Popular de Libertação da Palestina, Grupó Che Guevara, Brigada de Gaza. Temos controle absoluto deste vôo. Se ficarem calmos e não tomarem qualquer atitude suspeita, nada lhes acontecerá.» (Supõe-se que o nome al Qubasi seja o de um guerrilheiro abatido em Gaza,

*Condensado de
NEW YORK TIMES, NEWSWEEK
E PHILLIP ROSS EM NEW YORK*

NEW YORK TIMES (11 E 13 DE JULHO DE 1976) © 1976 BY THE NEW YORK TIMES CO.;
NEWSWEEK (19 DE JULHO DE 1976) © BY NEWSWEEK, INC.; NEW YORK MAGAZINE (2 DE
AGOSTO DE 1976), THE NYM CORP. COPYRIGHT © 1976 BY PHILIP ROSS

que os palestinos veneram como mártir.)

O seqüestro, que começou como muitos outros, foi o início de um angustiante período para os 244 passageiros e os 12 tripulantes daquele vôo Tel Aviv - Paris. Na semana seguinte, os seqüestradores levaram seus reféns primeiro para Bengazi, na Líbia, para reabastecimento, e depois para o aeroporto de Entebe, em Uganda, onde muitos deles ficaram presos durante seis dias num terminal de passageiros, que estava fora de uso. A finalidade do seqüestro, conforme os reféns souberam depois, era forçar Israel e quatro outras nações a libertarem 53 terroristas palestinos ou pró-palestinos que se achavam presos.

Os reféns eram uma mistura de judeus - israelenses e não israelenses - e não judeus, jovens e velhos. Entre eles havia profissionais de farmácia, medicina, ensino, advocacia, microbiologia, enfermagem, engenharia eletrônica, um soldador, o proprietário de um posto de gasolina, estudantes e muitas pessoas aposentadas.

Os seqüestradores (dois árabes, talvez de uns vinte e poucos anos, usando calças e camisas esporte; Böse, alto, de cabelo louro; e uma mulher que ainda não foi positivamente identificada) tinham desembarcado de um avião da Singapore Airlines às 6:25 da manhã (vôo 763, vindo de Bahrein) e entraram na sala de passageiros em trânsito do aeroporto de Atenas.

Sua bagagem de mão parece não ter sido examinada quando embarcaram no avião da Air France em Atenas. Assim que entraram no aparelho, no entanto, começaram a despertar suspeitas entre diversos passageiros. A Sra. Dora Bloch, de 73 anos, voltou-se para seu filho, Ilan Har-Tuv, economista em Jerusalém, segredando-lhe que os dois jovens pareciam árabes e que estariam transportando malas de tamanho suficiente para conter armas. Disse ao filho que aquilo a fazia nervosa, mas este ignorou seus temores.

Logo que os seqüestradores assumiram o controle do avião, principiaram a chamar os passageiros à cabina da frente para serem revistados. Har-Tuv contou mais tarde que os passageiros, em geral, se mostravam calmos. «A atmosfera estava tensa, muito tensa mesmo», declarou, «mas não houve gritos nem crises de histerismo.»

O avião deu dez voltas sobre Bengazi, fazendo depois um pouso violento. Uma mulher grávida foi retirada de bordo e levada para um hospital. Os terroristas começaram a recolher os passaportes num saco de plástico. Os jovens seqüestradores árabes colocaram caixas perto da porta, avisando que continham explosivos.

Passadas seis horas, Böse informou os passageiros de que o vôo iria continuar. Agradeceu a cooperação deles e anunciou que iriam então rumo a seu «último des-

tino». Seis horas e meia depois, às 3:40 da madrugada de segunda-feira, o aparelho descia em Entebe. (Condensado do *New York Times*.)

No DIA 29 de junho, a cerca de 3.600 quilômetros dali, logo após os terroristas haverem divulgado os seus propósitos, líderes israelenses, fatigados e apreensivos, sentaram-se na sala de reuniões, sob um grande quadro representando Jerusalém. O Ministro dos Transportes Gad Yaakobi foi o primeiro a dizer aquilo que todos pensavam: «Se acedermos às exigências dos seqüestradores, os palestinos ampliarão sua escalada terrorista, e nenhum israelense que deixe o país estará em segurança.»

O Primeiro-ministro Yitzhak Rabin virou-se para o General Gur, chefe do estado-maior do exército de Israel, e indagou: «Temos alguma opção militar?»

Gur explicou que não dispunha de suficientes informações sobre a planta do aeroporto de Entebe, o número de reféns, a segurança militar e os riscos de perdas humanas. «Por ora», respondeu, «não temos qualquer opção militar.»

Rabin solicitou uma votação e o Gabinete por unanimidade achou que o governo deveria continuar tentando negociações que pudessem levar à libertação dos reféns sem derramamento de sangue. Ordenou igualmente que o Exército e os chefes dos serviços de informações israelenses estudassem

uma opção militar viável.

O Exército de Israel entrou em ação quase imediatamente. Numa base militar no deserto, em Israel, foram selecionados os homens para um provável grupo de ação, nesse primeiro dos três dias de treinos para uma missão que poderia vir a ser concretizada ou não.*

O dilema das autoridades de Jerusalém tinha dois aspectos. Por um lado, Israel tinha de colher enorme volume de informações sobre um país distante e hostil; por outro, precisava de convencer os terroristas de que estava negociando de boa-fé. Mensagens estavam sendo enviadas por intermédio do Ministério das Relações Exteriores da França ao governo de Uganda e deste para o chefe dos seqüestradores. No entanto, à medida que as horas se passavam, a idéia de uma operação militar bem

* O codinome da missão era Operação Thunderball, tirado do título de uma novela de Ian Fleming, da série James Bond.



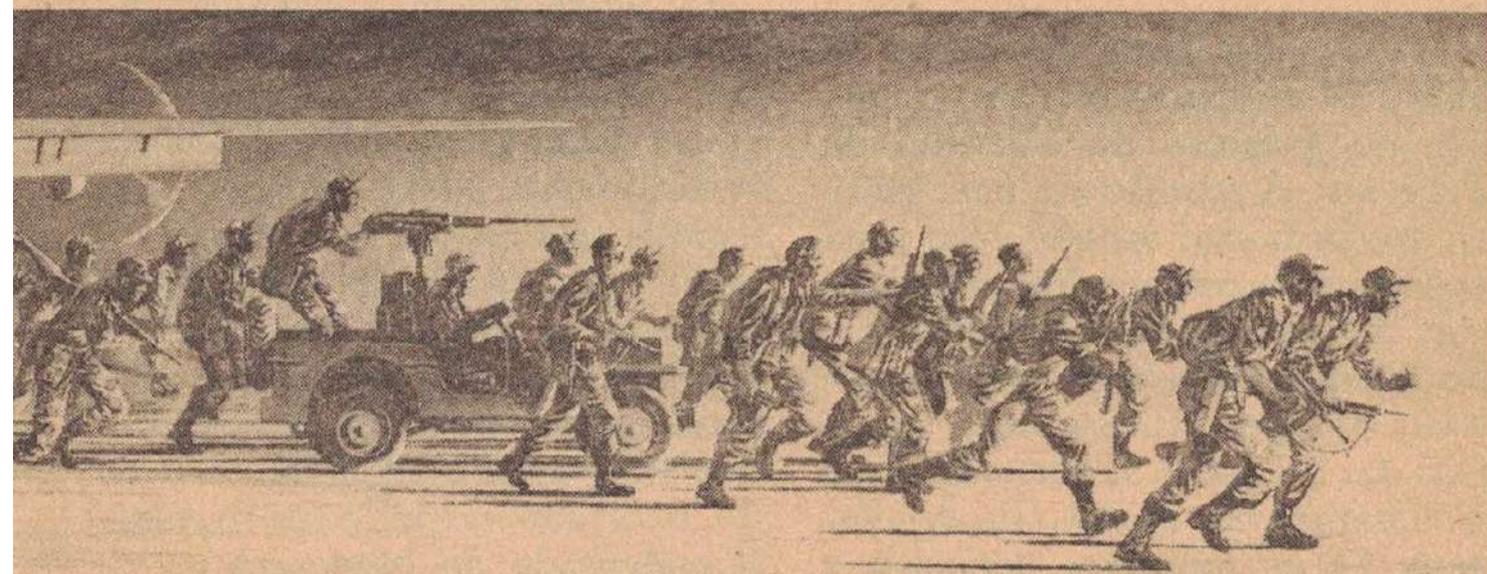
sucedida ia se tornando cada vez mais tentadora, e as autoridades procuravam obter informações de todas as fontes possíveis. Funcionários entraram em contato com a firma israelense de construções que havia feito o aeroporto de Entebe, mas ficaram sabendo que as instalações haviam sido tão ampliadas nos últimos anos que as plantas antigas já não tinham a menor utilidade. Interrogaram pessoal da companhia aérea El Al Israel, em serviço em Nairóbi, capital do Quênia, procurando informações sobre possíveis rotas aéreas, oportunidades de reabastecimento, instalações de comunicações. Agentes negros foram introduzidos secretamente em Uganda. Enquanto isso, o volume de informações ia crescendo.

Em 30 de junho e 1.º de julho, os seqüestradores libertaram os passageiros que não eram israelenses, reduzindo o número de prisioneiros de 253 para 106 – o que passou a ser de grande vantagem para uma operação de resgate que teria

de ser feita em questão de segundos. Isso forneceu aos israelenses informações vitais. Em Paris, os reféns libertados disseram que a sala de passageiros em trânsito, onde os reféns estavam presos, não fora protegida com explosivos e que a segurança dos terroristas parecia ineficiente.

O governo de Israel continuava mantendo a aparência de estar tentando negociações. Nomeou «comissões especiais de negociadores» para elaborar listas dos prisioneiros que Israel «estaria na disposição» de libertar. Para o Mundo, Israel parecia ter sucumbido aos terroristas – e os israelenses faziam por manter essa impressão.

Então, no dia 2 de julho, houve três acontecimentos fundamentais: o Departamento de Defesa dos Estados Unidos forneceu a Israel fotografias aéreas e imagens obtidas por satélites do aeroporto de Entebe; agentes secretos israelenses penetraram na área e trouxeram informações vitais; o governo do Quênia deu garantias secretas de



que o grupo israelense de comandos poderia fazer escala em Nairóbi para se abastecer e dar assistência aos feridos em seu retorno de Uganda.

O chefe do estado-maior, General Gur, havia selecionado um grupo de combate constituído por homens especialmente treinados em missões de ataques aéreos. Tinham ensaiado aquela operação inúmeras vezes, reduzindo para 55 minutos o tempo de permanência em terra. As unidades que tomavam parte incluíam elementos da 35.^a Brigada Aerotransportada e as tropas de infantaria da Brigada de Golan — «os melhores entre os melhores», como disse um israelense. O comandante da força de assalto era o Coronel Jonathan Netanyahu, de 30 anos, que havia nascido nos Estados Unidos mas fora para Israel com apenas dois anos de idade. Os comandos deveriam decolar de uma base no deserto, perto de Sharm el Sheikh, no coração do Sinai, rumo à África. (Condensado do *Newsweek*.)

ÀS DUAS da tarde do dia 3 de julho, 19 ministros estavam reunidos no gabinete do conselho de Tel Aviv. A reunião era para saber se concordavam ou não com uma operação de resgate dos prisioneiros. Às três da tarde, ficaram sabendo que, dada a necessária precisão da operação proposta, algumas das unidades da força-tarefa já se achavam em posição de decolagem. Se os ministros vetassem a

operação, as unidades podiam ser chamadas a regressarem à base. (Condensado do *New York*.)

Muitos dos ministros nunca tinham ouvido falar dos preparativos militares que estavam sendo feitos e se mostravam preocupados com a possível perda de vidas, mas Rabin insistiu francamente em favor da operação. Às 3:30, pediu que se fizesse uma votação. Todos aprovaram e o encontro terminou com uma oração.

Os aparelhos que tomavam parte na operação eram quatro gigantescos Hercules C-130 (aviões de carga de fabricação norte-americana) e dois jatos Boeing 707; um destes funcionava como aparelho de comando e centro de comunicações, e o outro como avião-hospital. Com dois jatos Phantom israelenses protegendo-os durante parte do percurso, os seis aparelhos seguiram a rota normal dos aviões da El Al Israel para a África do Sul, cruzando o Mar Vermelho e depois sobrevoando a Etiópia e o Quênia.

O avião-hospital pousou em Nairóbi; os cinco aparelhos militares escaparam ao controle de pouso desse aeroporto e desceram verticalmente sobre Entebe, protegidos pela escuridão da noite. Às 11 da noite, os quatro Hercules israelenses se aproximaram em vôo rasante sobre o lago Vitória em direção do aeroporto. O Boeing 707, que levava os oficiais de comando, ficou sobrevoando em círculos. (Condensado do *Newsweek*.)

DURANTE OS seis dias de encarceramento na sala de espera do velho terminal aéreo de Entebe, os reféns israelenses tinham sido visitados várias vezes pelo seu «anfitrião» oficial: o gigantesco e imprevisível Marechal Idi Amin, presidente de Uganda, entre cujos guarda-costas havia palestinos. Embora se confessasse profundamente interessado pelo bem-estar e pela segurança dos reféns, Amin havia nitidamente oferecido proteção aos terroristas e tinha inclusive autorizado que unidades do seu exército ajudassem na vigilância dos prisioneiros. Pelo menos por duas vezes comentou que Israel e os outros países deviam atender as exigências dos palestinos.

Quando um dos Hercules afinal parou na pista, oculto pela escuridão, sua rampa da cauda foi baixada e por ela desceu uma grande limusine negra marca Mercedes-Benz, seguida de perto por dois Land Rovers carregados com dez comandos israelenses, envergando uniformes palestinos. No banco traseiro da limusine ia um corpulento oficial israelense, fardado de marechal ugandês e com o rosto tingido de negro. A placa era precisamente igual à do carro oficial do Marechal Amin. À medida que o automóvel se aproximava do edifício onde estavam os reféns, os soldados ugandeses punham-se em automática posição de sentido. Aproveitando-se do êxito do expediente, os comandos de Netanyahu conseguiram chegar até

poucos metros do edifício antes que os primeiros tiros fossem disparados. (Condensado do *New York Times*.)

A MAIORIA dos reféns não relacionou os primeiros tiros, isolados, com a presença de soldados israelenses. Como vários outros, Gabriela Rubenstein, de 29 anos, estava deitada num colchão, meio dormindo. «Meu Deus!» pensou. «É o fim. Os ugandenses resolveram nos matar.»

Houve cerca de meio minuto de silêncio. Depois, o tiroteio recomeçou, desta vez em volta deles, estilhaçando as janelas frontais do edifício e espalhando o pânico, à medida que a sala se enchia de poeira e fumaça.

Em meio aos disparos e gritos, a maioria dos reféns, contudo, permaneceu deitada no chão.

O terrorista Wilfried Böse, correu para a porta da frente e apontou a pistola-metralhadora para os reféns que estavam deitados no chão. O alemão hesitou; depois, voltou-se para fora, ouviu-se uma rajada e ele caiu.

Dois dias antes, após os judeus terem sido separados dos outros, Yitzhak David havia arregaçado a manga da camisa e mostrado ao alemão o número que lhe tinham tatuado no braço quando estivera no campo-de-concentração. «Seus pais mataram os meus porque eram judeus», disse-lhe, «e agora você quer me matar pela mesma razão.» Böse parecia querer se des-

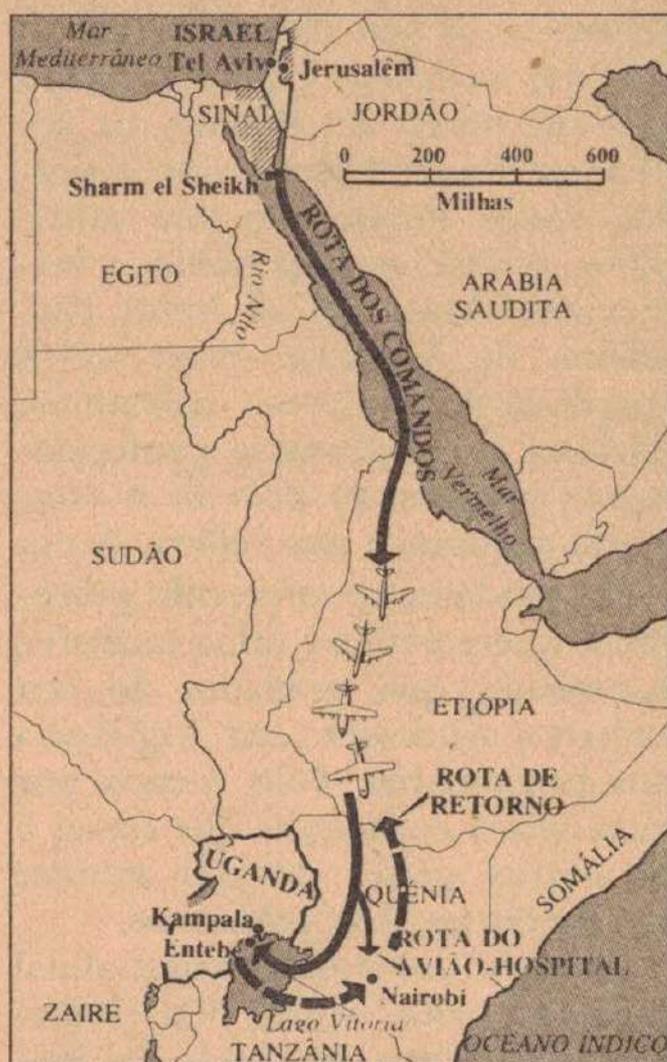
culpar quando afirmou: «Eu não sou nazista; sou um idealista.»

Nunca se saberá se foi essa conversa que fez com que o alemão não tivesse disparado contra os judeus.

Tinham-se passado talvez uns dez ou quinze minutos desde os primeiros disparos. Alguns reféns pensavam que havia sido um lapso de tempo; outro, que fora uma eternidade. De qualquer forma, muitos dos reféns que se achavam deitados na sala principal ou no corredor continuavam pensando que Idi Amin estava tentando matá-los. Só tiveram certeza quando ouviram as primeiras palavras, gritadas através de um megafone, na parte exterior do edifício: «Hanachnu Israelim!» («Somos israelenses!»)

Só passados segundos alguns dos judeus se aperceberam da realidade. Não queriam acreditar. Para Akiva Laxer, judeu ortodoxo, o primeiro pára-quedista que saltou por uma janela pareceu-lhe o Anjo da Salvação. Lilly Hirsch, sobrevivente de Auschwitz, lembrou-se dos soldados norte-americanos que tinham libertado os campos de concentração. Os tripulantes da Air France só compreenderam o que estava acontecendo quando lhes traduziram o que os israelenses diziam.

Quatro ou cinco minutos após, o tiroteio parou, e um dos soldados disse-lhes que já se podiam levantar. «Lá fora, há um avião», explicou o militar. «Vamos levá-



los para casa.» Muitos reféns estavam parcialmente vestidos. Alguns conseguiram apanhar roupas. Lisette, mulher de Yosef Hadad, quando pegou em seus *slacks*, viu que tinham dois furos de balas.

Ilan Har-Tuv deu uma última olhada antes de partir. Sua mãe, Dora Bloch, tinha sido levada na véspera para um hospital de Kampala, com uma afecção na garganta. Não embarcaria no avião de volta a Israel, nem estaria na semana seguinte em Nova York para assistir ao casamento de seu outro filho. Consta que um dia depois do assalto dos comandos, teria sido tirada de sua cama no hospital e assassinada.

Os reféns saíram do edifício e mergulharam na escuridão – pais carregando filhos, jovens amparando velhos, soldados transportando macas e outros se voltando para abrir fogo contra a torre de controle do aeroporto. Ao longe, podiam ver as explosões dos 11 caças MiG que outro grupo de comandos estava destruindo a fim de impedir a perseguição.

Um Hercules C-130 tinha-se aproximado até uns 300 metros, e sua porta traseira havia-se aberto para receber os reféns. À medida que chegavam perto do aparelho e subiam a rampa, alguns tropeçavam e caíam; outros paravam para levantá-los. Daí a pouco, todos estavam a bordo: os sãos, os feridos e dois que já estavam mortos. Durante uns dez minutos, os soldados a bordo repetiram a contagem dos reféns (90 salvos, mais os tripulantes da Air France).

A porta da retaguarda se fechou e o avião começou a se deslocar. Na noite anterior, o ensaio da operação tinha levado 55 minutos; a verdadeira missão levou 53. Dentro do avião, as macas foram fixadas às colunas ao longo da fuselagem, e os médicos principiaram a cuidar dos feridos mais graves. Foram distribuídos tampões para os ouvidos, o que amorteceu o ruído dos motores e os gritos de dor dos feridos.

Enquanto o Hercules seguia rumo a Nairóbi para se reabastecer e deixar os feridos, ficavam atrás três outros Hercules aguardando

uma unidade de comandos que estava completando detalhes da operação e tirando impressões digitais dos terroristas mortos. (Condensado do *New York*.)

A operação não foi absolutamente perfeita. Três reféns foram abatidos pelos soldados quando o tiroteio começou. Entre os terroristas mortos, estavam os dois alemães (Böse e a mulher não identificada). Morreram também 20 soldados ugandeses e um comando israelense: Netanyahu, que chefiou a missão. Um atirador colocado na torre de controle matou-o com uma bala nas costas.

Logo que Idi Amin teve conhecimento da operação, dirigiu-se rapidamente para Entebe, que fica a 37 quilômetros de Kampala, acompanhado de uma coluna armada. Humilhado, ordenou a execução de quatro operadores de radar do aeroporto, cujos corpos crivados de balas foram mais tarde encontrados nas imediações.

A bordo do Hércules, alguns dos reféns libertados choravam, outros rezavam e outros ainda se conservavam em silêncio, petrificados. Uma mulher não se cansava de gritar: «Ness! Ness!» («Milagre! Milagre!»).

Depois de um vôo de oito horas, os reféns chegaram finalmente a solo israelense. Notícias do êxito da missão dos comandos tinham eletrizado Israel. Uma multidão ávida se apinhou para felicitar os compatriotas que regressavam. Muitos dos dois mil israelenses e

judeus norte-americanos que se encontravam em Jerusalém para comemorar o bicentenário dos Estados Unidos se abraçaram chorando de alegria. David Bromberg, presidente dos B'nai Brith («Filhos da Aliança», organização judaica, filantrópica e educacional), declarou que os israelenses tinham dado ao mundo um presente de aniversário, por ocasião do bicentenário dos Estados Unidos. Esse presente, segundo ele, era «o 11.º Mandamento: Não te curvarás perante o terrorismo». As manifestações de alegria em Israel

foram moderadas somente pelas mortes dos quatro reféns e do Coronel Netanyahu.

«A questão essencial é combater os terroristas onde quer que se tenha uma chance razoável», disse Rabin a um de seus assessores. «Temos de combatê-los em Jerusalém ou em Entebe, mas devemos combatê-los sempre. Não capitulamos.» Os israelenses tiveram uma razoável oportunidade de êxito numa arriscada operação militar, e conseguiram aproveitá-la. Uma brilhante «missão cumprida». (Condensado de *Newsweek*.)



ASSESSOR para o candidato: «De acordo com a última pesquisa de opinião pública, 52% dos eleitores acham que, entre os dois males, o senhor é o menor.»

- J. E.

UMA ADOLESCENTE, para outra: «Gostei mais do livro do que do filme. A entrada para o cinema custou um dinheirão, e o livro eu pedi emprestado.»

- D. T.

MULHER, para o marido, que é diretor de uma grande empresa: «Não pense que você vem para casa para me tratar como uma subsidiária completamente integrada.»

- D. McE.

O ORADOR da turma de formados para um colega: «Vou dizer-lhe que o mundo é deles. Eles vão ficar morrendo de medo.»

- B. B.

CLIENTE, para o vendedor de automóveis: «Só passei aqui para lhe dizer quantos metros por litro está fazendo o carro que você me vendeu!»

- R. R.

LEITOR DE jornal irritadiço, para a mulher: «Precisamente neste momento, alguém, em algum lugar, está tentando descobrir uma maneira de transferir para nós seus aumentos de custo.»

- S. R.